

## APRESENTAÇÃO

E eis então o número 15 da revista *A Palo Seco*, mais uma vez se oferecendo como uma fogueira em volta da qual filosofias, literaturas, linguagens e seus/suas convidados/as (quicá cronópios, quicá famas, quicá, ainda, organismos outros que se disponham a investimentos ambiciosos, como refazer percursos, revisar perspectivas ou promover releituras) podem se sentar para contar causos e, enquanto se deleitam com a vermelhidão das chamas e dos arrebóis, pôr em questão certas questões, analogamente ao que, para o bem e para o mal, já se viu em outros fogos e outras fogueiras, como aquele fátuo, como aquela das vaidades ou, simplesmente, como aquela de Hopper, Nicholson e Fonda a caminho do Mardi Gras.

Malgrado a variação de apetites e cardápios, o que se coze nesse fogo são interfaces: da filosofia com a literatura, como espécie de protofronteira, mas também outras nas quais o encontro-desencontro da identidade com a diferença é do mesmo modo o ingrediente que pode impelir simultaneamente para o múltiplo e para o uno, e produzir tanto diásporas quanto sínteses unificadoras de elementos díspares ou que tais, como em algum sentido parece ser o caso da ideia de *cronotopo*, elaborada pelo ao mesmo tempo centrífugo e centrípeto Bakhtin, filósofo e literato capaz de muitas façanhas, como ser materialista, idealista e tampouco um ou outro, e suscitar extremos de apreciação valorativa, tal a de Todorov, chamando-o de “o mais importante pensador soviético no domínio das ciências humanas e o maior teórico da literatura do século XX”, tal a de Bronckart, para quem o centro do Círculo não passa de uma mentira que se de alguma coisa centro for o é “de uma fraude e de um delírio coletivo”.

Alheio a semelhantes curiosidades policialescas, o artigo “Dos fundamentos kantianos do conceito de cronotopo de Mikhail Bakhtin: convergências e divergências”, de Thayrine Vilas Boas e Fábio Luiz de Castro Dias, ambos da UFLA, abre este número da revista indagando, como o próprio título evidencia, sobre a presença de traços da filosofia kantiana no ácido desoxirribonucleico do conceito de cronotopo. Sem se arvorar em pretensões novidadeiras, posto já sobejamente atestada a existência de nexos entre as filosofias contrastadas, o artigo se junta ao já polifônico concerto de vozes empenhadas em discorrer sobre os parentescos e as genealogias da malha teórica do incontornável Círculo, repositório fecundo de referências profícuas para a movimentação em terrenos vários, a despeito das alegrias e tristezas que isso possa provocar nas disposições intelectuais religiosas de igrejas de plantão, que sempre as há.

E se diretamente de igrejas não trata o segundo artigo, trata ao menos do Evangelho, não segundo Jesus Cristo, mas segundo o evangelista João, que no caso vem acompanhado da semiótica peirceana. Em “Semiótica e literatura: análise de um texto bíblico pela teoria de Charles Peirce”, Humberto Marcos Balaniuc, da UFMS, propõe-se adentrar os fundamentos filosóficos da teoria peirceana com a intenção de mostrar a produtividade de suas categorias para a análise de textos literários e, para isso, recorre a uma passagem do Novo Testamento, considerada do ponto de vista da sua inscrição na literariedade do texto bíblico.

O terceiro artigo desce da exegese da escrita divina para o papel mundano da linguagem (ou da sua ausência) na experiência do animal humano e não humano. Em “A linguagem, o pensamento e a percepção do mundo empírico: David Hume e *Flush* de Virginia Woolf”, Stephanie Hamdan Zahreddine, da Universidade Estadual do Piauí, estabelece um diálogo entre a filosofia (a teoria do conhecimento de Hume) e a literatura (a obra de Woolf) acerca das possibilidades e dos limites da linguagem. No romance, Woolf nos conta a vida da poeta Elizabeth Barrett do ponto de vista de seu cão (o Flush, do título), explorando o seu “não-pensar humano” (ou um “não-pensar humano”) que Zahreddine relaciona a categorias propostas por Hume.

O quarto e último artigo desta edição, “Sócrates, Rousseau y Birdman: tres figuras megalómanas de la construcción de sí”, José Guzzi, da Universidad Nacional de Tucumán, Argentina, nos oferece um estudo comparativo entre a filosofia, a literatura e o cinema face à “escritura de si”. O autor assinala o elemento comum que traz Platão sobre Sócrates, que desenvolve Rousseau e que ativa, em linguagem fílmica, a voz de Birdman, que é a voz do si mesmo. À escritura de si como forma ou estilo de narrativa, como geralmente compreendida na literatura, Guzzi acrescenta a procura da verdade de si e da realidade, trazendo para a sua análise elementos próprios da conceitualização filosófica.

## Sobre as traduções desta edição

A primeira tradução, de Luciene Lages Silva, verte do grego para o português um trecho inicial do livro I da *Biblioteca* de Apolodoro, obra em prosa que reúne genealogias, etimologias e feitos de heróis da mitologia grega. Tomando como referência a edição estabelecida em 1921 por James George Frazer, o trecho traduzido se concentra no início da obra e na cosmogonia grega até o reinado de Zeus.

Em seguida, Beto Vianna e Viviane Cardoso traduzem as partes oito e nove do artigo “The role of languaging in human evolution”, de Vincenzo Raimondi, publicado originalmente em 2019 na revista *Chinese Semiotic Studies*. Raimondi utiliza o arcabouço teórico e a epistemologia do biólogo chileno Humberto Maturana para tratar da evolução, não da linguagem, mas do *linguajar* (em uma tradução alternativa, “languagear”), reconhecendo o caráter dinâmico e relacional do fenômeno linguístico, e sua centralidade na origem do humano.

Fechando a série de traduções e esta edição, Maria A. A. Macedo e Eduardo Antunes apresentam a tradução de “De quelques phénomènes du sommeil”, de Charles Nodier, texto sempre referenciado pelos estudiosos por sua importância, seja na compreensão da obra ficcional de Nodier, seja na teoria do conto, pela sua contribuição ao conceito de literatura – sob uma perspectiva romântica – e pela sua posição na história da literatura francesa, especificamente naquela do Romantismo francês.

***Os editores***

Maria A. A. Macedo

Luiz Rosalvo Costa

Beto Vianna